LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A FACE DO ALUNO

Gisele Fernandes Pereira¹, Maria Conceição Alves de Lima²

¹Bolsista UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Rua Valter Hubacher, 138 – Vila Beatriz – Nova Andradina (MS)

²Orientadora docente UEMS

Resumo

A geração nascida após a expansão da Internet na década de 1990 (geração Net) já cresceu convivendo com as novas tecnologias digitais e as assimilou prontamente. Em nosso país, as gerações mais antigas, em geral, ainda não aceitaram totalmente a sociedade digital e têm dificuldade em utilizar as TICs. Tal situação ocorre principalmente na área escolar, onde os professores relutam em usar essas tecnologias como ferramentas pedagógicas. Assim, este trabalho teve por objeto analisar como se dá o processo de inclusão digital em Nova Andradina - MS, principalmente aquele executado formalmente pela escola, com o objetivo de fornecer subsídios à formação inicial e continuada de professores, especialmente os de linguagem.

Palavras-chave: Letramento digital, inclusão digital, aquisição informal *versus* uso escolar das TICs.

Abstract

People that were born after Internet expansion in the 1990th (the Net boys) still grew up inside new digital technologies and they could assimilate it easily. In our country generally older people have not yet accepted digital society at all and so they reached a considerable difficulty in using ICTs. This occurs also in school education where teachers are reluctant in using these technologies as learning tools. This work has the objective of examining the digital inclusion process at formal education in Nova Andradina – MS in order to providing

subsidies for initial and continuing teachers training especially those who are teaching language contents.

Keywords: digital literacy, digital inclusion, traditional teaching-learning process versus ICTs

1. Introdução

Nos dias atuais, observa-se a cada vez mais evidente expansão das tecnologias digitais pelo mundo, tornando a presença dessas novas tecnologias uma constante em nosso cotidiano. Pode-se dizer até mesmo que viver sem os recursos e as facilidades que os equipamentos digitais oferecem é praticamente impossível atualmente. Por exemplo, fica difícil imaginar como organizar e comandar uma empresa sem a ajuda ao menos de um computador. Desse modo, introduzir essas novas tecnologias em nossa sociedade já é praticamente uma necessidade.

E é justamente nesse ponto que se levanta uma importante questão: a necessidade de os indivíduos se adaptarem a esse movimento tecnológico, que cresce e transforma o meio ao seu redor cada vez mais rapidamente. Adaptar-se a esse mundo digital implicará em mudanças que vão afetar todos os setores de nossas vidas, desde a parte social (como a nossa convivência com o grupo de amigos) até o setor econômico de nossas vidas. Opor-se ou não saber lidar com essas novas tecnologias nos transforma em indivíduos excluídos digitalmente, deixando-nos, como consequência, à margem da sociedade contemporânea.

Dessa maneira, a inclusão digital é o processo mais eficaz para alcançarmos a adaptação e a compreensão das novas tecnologias, sendo que o ambiente escolar é o principal meio para promover esse letramento digital, não só no sentido de formar pessoas que saibam utilizar essas tecnologias (especialmente o computador e a Internet), mas também no sentido de compreendê-las como um importante instrumento de construção do saber.

Assim, as atividades de ensino-aprendizagem nesse momento tecnológico que o mundo está vivenciando necessitam de estratégias que aproveitem ao máximo as potencialidades das tecnologias digitais em todas as disciplinas do currículo, principalmente na área de linguagem, uma das que mais podem explorá-las de maneira interessante e produtiva, desde que todos esses “recursos” (professores, alunos e tecnologias digitais) trabalhem em conjunto, de modo cooperativo, em busca do conhecimento.

2. Fundamentação teórica

O surgimento do computador e da Internet originou uma nova era em que os indivíduos têm acesso a um grande fluxo de informações e podem estar sempre conectados com pessoas de toda parte do mundo, como diz Jésus Beltran Llera (2007, não paginado): “[...] na sociedade da informação rompem-se as barreiras espaço-temporais e é possível atuar à sua margem”. Dessa maneira, criou-se um espaço virtual onde é possível estar em constante interação, trocando informações e serviços, formando-se, assim, uma grande “rede” em que as pessoas podem estar virtualmente interligadas.

O espaço virtual criado pela ligação das redes de computadores constitui o que Pierre Lévy (2003, p.17) chama de “ciberespaço”, definido pelo autor como

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo [...].

O desenvolvimento desse ciberespaço resultou em modificações nos modos de vivência de uma sociedade, dando origem ao neologismo “cibercultura”, criado e definido por Lévy (2003, p.17) como “[...] um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. A cibercultura trouxe (como já foi dito anteriormente) notáveis mudanças nos valores, nas atitudes, no pensamento, enfim, na cultura como um todo, que vive um período de acelerado crescimento tecnológico. Dessa forma as novas tecnologias não se refletem apenas no modo de vida cultural de uma sociedade, mas em todos os seus setores, principalmente no econômico, segundo Valente (1999, p.31),

[...] Os meios de produção e de serviço passam por profundas mudanças, caracterizadas como uma mudança de paradigma – do paradigma da produção em massa, do empurrar a produção (*push*) para o paradigma da produção “enxuta”¹, do puxar a produção (*pull*) [...].

Essas alterações nos meios de produção e de serviços provocados pelo crescente avanço tecnológico causaram uma maior valorização do “saber”, em que a aquisição constante de novos conhecimentos passa a exercer papel fundamental nessa nova sociedade, pois, de acordo com Pierre Lévy (2003, p.173) “[...] Hoje, a maioria dos saberes adquiridos no início

de uma carreira ficam obsoletos no final de um percurso profissional, ou mesmo antes [...]”, fato que se deve principalmente às visíveis evoluções tecnológicas.

Nessa nova sociedade do conhecimento, percebe-se a existência de diferentes grupos de pessoas, algumas que utilizam e se relacionam muito bem com as novas tecnologias (geralmente os mais jovens, já que estes estão em contato constante com elas desde muito cedo), assim como também grupos de pessoas que têm certo receio dos computadores e da Internet, muitas vezes por ainda não compreendê-los ou por não ter acesso a eles. Nestor García Canclini (2007, não paginado) chama de “estrangeiros” dentro de sua própria comunidade aqueles que não se enquadram na Sociedade do Conhecimento Virtual, pois, assim como um migrante se sente deslocado dentro de uma nova comunidade onde se inseriu recentemente, também um indivíduo se sente constrangido e desconfortável pela dificuldade que encontra quando tenta utilizar as novas tecnologias e percebe que tem que aprender uma nova linguagem para lidar com as mesmas.

Sendo assim, saber lidar com essas “máquinas” torna-se uns dos requisitos fundamentais da nossa sociedade contemporânea, pois, como afirma Canclini aqueles que são “estrangeiros” seja por não saber lidar com as tecnologias ou por não ter acesso a elas, tanto jovens quanto adultos, estão em desvantagem, seja no mercado de trabalho, seja no ambiente social de sua convivência.

Pierre Lévy (2003) alerta que cabe à educação repensar as finalidades, as formas, os métodos e os conteúdos da educação em função da civilização vindoura. Dessa forma, cabe à educação promover a inclusão digital, ou seja, a familiarização de todos com as tecnologias digitais, transformando os computadores e todos os recursos que ele pode proporcionar, especialmente a Internet, em mais um aliado no processo de ensino e aprendizagem, de modo a não somente orientar aqueles que não assimilaram por completo as tecnologias digitais ou não têm acesso a elas (e, por conseqüência se sentem constrangidos diante das mesmas), mas também ensinar os que já estão familiarizados com elas a construir um conhecimento produtivo dentro dessa grande rede virtual de informação.

Como diz Nestor García Canclini (2007, não paginado), “[...] não se pode superestimar a imensidão de informações que a Internet proporciona, já que muitas vezes ela é caótica [...]”; sendo assim, devido ao grande quantidade de informação que a Internet proporciona, nem sempre é fácil distinguir na rede as informações que serão de maior relevância para a construção do conhecimento. A educação tem como uma de suas principais funções ajudar nesse discernimento, para que se possa aproveitar e utilizar esses novos recursos da melhor maneira possível.

Mas, para isso, a escola tem de enfrentar algumas mudanças, tanto em relação a sua infraestrutura física como no seu método de ensino. Aliás, essas alterações devem ocorrer no sistema educacional como um todo, pois, nas palavras de Valente (1999, p.35) “a educação é um serviço e, como tal, sofre e se adequa às concepções paradigmáticas que vive a sociedade[...]”. Sendo assim, cabe à escola adaptar-se ao novo paradigma digital e utilizá-lo no ensino e, dessa forma, transformar as novas tecnologias em um importante e eficaz instrumento pedagógico, que proporcione ao aluno uma aprendizagem de qualidade e, ao mesmo tempo, promova a inclusão digital.

Todavia, percebe-se uma resistência com relação à introdução desses novos recursos na educação, principalmente por parte dos professores, que muitas vezes demonstram certo receio e até mesmo se sentem ameaçados por essas tecnologias. Alguns deles, inclusive, acreditam no “mito” de que serão “substituídos” pelas novas tecnologias, visto que os recursos tecnológicos, mais especificamente os computadores, constituiriam o que Pierre Lévy (2003, p.171) chama de “máquinas de ensinar”, embora esse sentido não corresponda realmente ao que se deseja promover com essas tecnologias. Dessa maneira, com a resistência de alguns professores, impede-se que sejam exploradas todas as possibilidades e potencialidades que essas novas tecnologias podem oferecer à educação, o que ocasiona uma disparidade entre a forma de se socializar e de se comunicar dentro da escola e fora dela. Sobre isso, Coscarelli (2005, p.32) argumenta:

[...] não favorecendo esse acesso à informática e não a transformando em aliada para a educação, sobretudo a das camadas populares, a escola estará contribuindo para mais uma forma de exclusão de seus alunos, lembrando que isso vai excluí-los de muitas outras áreas da sociedade contemporânea [...].

Portanto, a inserção dos computadores, da Internet e de outros recursos que eles podem oferecer é fundamental, mas, para que as novas tecnologias sejam utilizadas na educação de modo que promovam um conhecimento construtivo, não basta apenas realizar a instalação de computadores nas escolas, mesmo sendo esse um passo importante para começar a transformá-la, contudo, como diz Pierre Lévy (2003, p.172),

[...] Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de *acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização* que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno.

Para que ocorra essa transformação é preciso que essas alterações aconteçam ainda dentro das Universidades, a fim de que os professores tenham uma boa formação o que, segundo Valente (1999 p.25-26), “[...] não se trata de criar condições para o professor dominar o

computador ou software, mas sim auxilia-lo a desenvolver conhecimento sobre o próprio conteúdo e sobre como o computador pode ser integrado no desenvolvimento desse conteúdo”. Para tanto, como diz Andréa Cecília Ramal (2003, não paginada), é necessário uma mudança do papel do professor que passa a ser “[...] um estrategista da aprendizagem. Alguém que vai precisar conhecer a psicologia e a ecologia cognitivas de seu tempo [...], para criar estratégias de aprendizagem no ambiente do computador”. Assim, o professor do “terceiro milênio” precisa ser aberto a novos métodos e instrumentos pedagógicos e estar sempre disposto a trabalhar com os novos instrumentos de modo mais interessante e produtivo. O professor deixa de ser um apenas um entregador de conhecimento para se tornar um orientador, um mediador entre o saber e o aprendiz, pois, como nos informa Pierre Lévy (2003, p.171),

[...] Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.

Da mesma forma que ao professor, também cabe ao aluno nessa nova perspectiva pedagógica desenvolver sua autonomia, de modo que sempre se interesse em buscar e construir seu próprio conhecimento através dos novos recursos tecnológicos, principalmente da Internet, realizando a busca pelo saber, sempre se questionando e, nas palavras de Valente (1999), “puxando” para si o que é de maior relevância para sua formação, visto que, nessa nova perspectiva pedagógica, como diz Coscarelli (2005, p.32),

A escola precisa encarar seu papel, não mais apenas de transmissora de saber, mas de ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes [...].

Como já mencionado, nessa perspectiva o aluno deixar de ser passivo, uma espécie de receptáculo que sempre fica a espera do conhecimento do professor, que deposita dentro dele todo seu “saber pronto e acabado”. No novo aspecto pedagógico, aluno e professor estão sempre em busca de novos saberes, se renovando constantemente, compartilhando novas aprendizagens e buscando novas informações para a construção do conhecimento, através de uma aprendizagem significativa e cooperativa.

Segundo Valente (1999, p.42),

A Informática devera assumir duplo papel na escola. Primeiro, deverá ser uma ferramenta para facilitar a comunicação entre profissionais dentro do ambiente da escola e os pesquisadores ou consultores externos, propiciando a presença virtual desse sistema de suporte dentro da escola. Em outros momentos, a informática poderá ser usada para suportar a realização de uma pedagogia que proporcione a formação dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que serão fundamentais na sociedade do conhecimento.

Ou nas palavras de Pierre Lévy (2003, p.11): “[...] estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômicos, político, cultural e humano”.

3. Objetivos

Através deste trabalho buscamos pesquisar junto aos alunos da Educação Básica como anda o seu nível de inclusão digital, principalmente as ações de letramento digital e de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs formalmente realizadas pelas escolas, de acordo com os seguintes enfoques:

- a) Verificar o uso informal das ferramentas digitais, realizado pelos alunos fora do ambiente escolar;
- b) Pesquisar as ações formais de letramento e inclusão digital no ensino da linguagem, ou seja, aquelas realizadas formalmente no ambiente escolar;
- c) Comparar esses processos, em termos da quantidade e da qualidade da aquisição de conhecimentos;

Comparar o processo de letramento e inclusão digital realizado na escola pública com aquele realizado pelas escolas particulares.

4. Metodologia

Como universo de pesquisa, utilizamos cinco escolas de Educação Básica de Nova Andradina – MS, que possuem Salas de Tecnologia - STE: três públicas (duas estaduais e uma municipal) e duas particulares. Em cada escola, selecionamos aleatoriamente dois alunos de ambos os sexos, num total de 10 sujeitos. Como esta é uma pesquisa basicamente qualitativa, apesar do uso de alguns dados quantitativos, os instrumentos básicos da mesma foram formulários de coleta de informações e entrevistas semi-estruturadas (gravadas e transcritas). As atividades metodológicas foram as seguintes:

- Leituras relativas ao tema pesquisado, para fundamentação teórica;
- Levantamento estatístico do uso da Sala de Tecnologias Educacionais – STE das escolas pesquisadas, destacando esse uso no ensino de linguagem;
- Aplicação de questionário aos alunos selecionados, sobre o uso informal da Internet;
- Entrevistas semi-estruturadas com os responsáveis pelas STE das escolas selecionadas sobre a utilização das TICs como ferramenta didática pelos professores (quantidade, estratégias e resultados), com destaque para o ensino de linguagem;
- Entrevistas semi-estruturadas formadas por cinco questões aplicadas aos alunos-sujeitos sobre o uso das TICs no ambiente escolar, especialmente no ensino de línguas;
- Análise e discussão dos dados coletados;
- Elaboração de conclusões e sugestões;

5. Resultados e discussão

5.1. Dados sobre as Salas de Tecnologias - STE

O levantamento de dados sobre o uso das salas de tecnologias nas unidades de ensino objeto desta pesquisa ocorreu da seguinte forma: as informações foram coletadas no mês de dezembro de 2008 somente nas escolas estaduais (Prof^a Fátima Gaiotto Sampaio e Austrílio Capilé Castro), visto que as escolas particulares (FINAN e Objetivo) e a escola municipal (Prof^a Efantina de Quadros) não realizam esse tipo de controle. As informações coletadas se referem, quanto à Escola Austrílio Capilé Castro, aos meses de agosto a novembro de 2008, nos três períodos de funcionamento de mesma; no que diz respeito à escola Prof^a Fátima Gaiotto Sampaio, o levantamento abrangeu apenas 3 meses (agosto, outubro e novembro de 2008)¹, também nos três turnos de funcionamento da escola.

Tabela 1 – Resumo do uso da STE pelas disciplinas Língua Portuguesa e língua estrangeira, na Escola Estadual Austrílio Capilé Castro

TURNO	AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO		NOVEMBRO	
	PORT.	INGL.	PORT.	INGL.	PORT.	INGL.	PORT.	INGL.

¹ Apesar de questionarmos a respeito, não conseguimos a informação sobre o porquê de não haver sido feito o controle no mês de setembro/2008.

MATUTINO	2	2	5	4	0	2	2	5
VESPERTNO	9	0	8	0	4	0	4	0
NOTURNO	4	2	4	2	5	0	4	12
TOTAL	15	4	17	6	9	2	10	17

Observando-se as informações coletadas na escola Austrílio Capilé Castro, notamos que o uso do laboratório de informática pode ser considerado baixo, principalmente com relação às disciplinas de linguagens, mais especificamente a de língua estrangeira, que apresentou uma frequência muito baixa, como podemos observar na tabela-resumo acima, que condensa a frequência de uso da STE pelos alunos de Língua Portuguesa e língua estrangeira, nos quatro meses e nos três turnos analisados.

Tabela 2 – Resumo do uso da STE pelas disciplinas Língua Portuguesa e língua estrangeira, na Escola Estadual Profª Fátima Gaiotto Sampaio

TURNO	AGOSTO		OUTUBRO		NOVEMBRO	
	PORT.	INGL.	PORT.	INGL.	PORT.	INGL.
MATUTINO	18	8	37	6	24	0
VESPERTNO	16	0	2	2	7	0
NOTURNO	7	0	0	2	2	0
TOTAL	41	8	39	10	33	0

Já na escola Profª Fátima Gaiotto Sampaio, nota-se que a utilização do laboratório de informática é razoável, visto que a presença das disciplinas de linguagem na STE, especialmente a de língua portuguesa, é mais frequente; no entanto, a frequência da disciplina de língua estrangeira no laboratório de informática é baixa, como se vê no resumo contido na tabela acima.

As observações acima são preocupantes, já que o ensino de linguagem engloba disciplinas que poderiam explorar ao máximo as tecnologias digitais, utilizando os vários recursos que

elas podem oferecer para tornar o ensino aprendizagem do aluno muito mais produtivo, interessante e eficaz do que a maneira tradicional de ensinar e aprender.

5.2. Aplicação de questionários aos instrutores das STE

A aplicação do questionário aos instrutores das salas de tecnologias ocorreu durante o mês de janeiro de 2009, sendo entrevistados os profissionais das cinco escolas selecionadas, cujos resultados tornaram possível avaliar (ainda que superficialmente) como se dá o funcionamento e qual o papel das STE nessas escolas.

Com base nos dados coletados, pode-se notar que na escola Austrílio Capilé Castro a STE foi implantada há cerca de cinco anos e que possui uma boa estrutura de informática, contando com 20 computadores com acesso à Internet e em bom estado de funcionamento, apesar de a média de alunos por sala ser de 30 a 40 alunos. Observa-se ainda que a STE da escola possui outros recursos de grande importância para o ensino aprendizagem do aluno na elaboração de trabalhos e projetos, como *datashow*, câmera digital, aparelho de som, retro projetor, serviços de impressão, etc. Também, os computadores da instituição apresentam dois sistemas operacionais (Windows XP e Linux Educacional). Outro aspecto muito importante é que, para o melhor aproveitamento das novas tecnologias, torna-se necessária a capacitação tanto dos profissionais das STE, como dos professores. Essa capacitação, conforme depoimento do sujeito VSP, é oferecida pelo Núcleo Tecnológico Educacional de Nova Andradina – NTE/NA.

Mas, também podemos observar alguns pontos na STE da escola que ainda deixam a desejar, como a utilização do laboratório apenas em dois turnos (matutino e vespertino) e a dificuldade na manutenção dos computadores, o que acaba por prejudicar a utilização das tecnologias digitais no ensino, pela falta de “máquinas” que se encontram fora de funcionamento.

Através da respectiva entrevista, temos que a Escola Fátima Gaiotto Sampaio (assim como a anterior) também apresenta uma boa estrutura da STE. Mas, essa estrutura é insuficiente e poderia ser melhorada, já que, da mesma maneira que na outra escola, a média de alunos é de 30 a 40 por sala, fato que acarreta o acúmulo de 2 alunos por micro-computador. Os laboratórios de informática também possuem outros recursos tecnológicos, além do computador e Internet, que auxiliam no ensino do aluno; da mesma forma, a capacitação para utilização das novas tecnologias digitais é de responsabilidade do NTE/NA.

No entanto, a dificuldade percebida pelo profissional da STE dessa escola foi a resistência, por parte de alguns professores, com relação à introdução das tecnologias digitais no ensino

aprendizagem, fato esse bastante negativo, já que o uso dessas novas tecnologias na educação tem sido considerado algo muito positivo atualmente.

Na Escola Municipal Efantina de Quadros, observa-se que a STE também poderia contar com melhorias, já que o número de computadores no laboratório não é compatível com a média de alunos por sala, o que também corresponde à base de 30 a 40 estudantes para apenas 17 computadores. Assim como nas demais mencionadas anteriormente, percebe-se o reconhecimento da importância dos laboratórios de informática no ensino. Mas, também apresenta dificuldades, no que se refere à manutenção de computadores.

Na entrevista realizada com o instrutor da STE do Colégio Faculdades Integradas de Nova Andradina (rede particular), nota-se que a sua estrutura do laboratório já apresenta melhorias, pois, possui vinte computadores, número compatível com a média de alunos por sala, que é de 18 a 20 estudantes. Outro fato interessante na escola é que o laboratório de informática apresenta *softwares* específicos para as disciplinas de Matemática, Português e Inglês. Além dos recursos básicos como a Internet, a STE apresenta ainda uma rede para conferências. A escola também demonstra interesse pela o aperfeiçoamento dos seus profissionais, no sentido de promover um melhor ensino aprendido através das tecnologias digitais.

A STE da escola particular Colégio Objetivo da Associação Novandradinense de Educação e Cultura (ANAEC) apresenta-se estruturada com 16 computadores para a média de 18 a 20 alunos por sala e tem o laboratório de informática como um auxiliar no ensino aprendizagem do aluno, visando promover aulas mais interativas com as tecnologias digitais, bem como oferecer maiores possibilidades na aquisição de conhecimento por parte dos alunos. Com relação aos professores, verifica-se o receio das novas tecnologias digitais por parte de alguns, mas a escola trabalha para a capacitação de seus profissionais, a fim de que estes se incluam na era digital.

5.3. Entrevistas com os alunos

As entrevistas ocorreram no mês de junho de 2009 e tiveram como objetivo fundamental compreender, no que diz respeito aos alunos da educação básica das escolas selecionadas, como são utilizadas as webtecnologias no ambiente escolar e também fora dele. A análise das respostas obtidas foi efetuada e discutida através das categorias abaixo:

a) Local de uso da Internet:

<p>ESCOLA A (particular)</p> <p>J. R. - “Na minha casa e também aqui na escola”.</p> <p>I. F. – “Na minha casa e também aqui na escola”.</p>
<p>ESCOLA B (particular)</p> <p>C. R. B. N. – “Em casa e numa Lan House”.</p> <p>M. C. C. I. B.- “Em casa”.</p>
<p>ESCOLA C (municipal)</p> <p>I. F. R. - “Em casa”.</p> <p>F. K. L. D. P. - “Em casa e na escola”.</p>
<p>ESCOLA D (estadual)</p> <p>M. R. D. S. - “Na escola, no curso de informática e em Lan House, eu tenho um computador, mas ele não tem Internet”.</p> <p>R. D. S. – “Uso mais na escola e no curso de informática que eu faço, não tenho computador em casa”.</p>
<p>ESCOLA E (estadual)</p> <p>I. D. O. S. – “Na escola, num curso técnico e de vez em quando em Lan Houses e na casa de amigos, eu não tenho computador em casa”.</p> <p>C. - “Na minha casa”.</p>

Nessa categoria, pode-se observar que, de uma forma ou de outra, todos os alunos entrevistados têm acesso ao computador e à Internet, seja em casa, como é o caso da maioria dos entrevistados (já que apenas três deles não possuem um computador), seja em uma Lan House e outros locais. Dessa maneira, o fato de não se ter acesso ao computador e à Internet já não pode ser mais desculpa para que professores e alunos não utilizem as novas tecnologias em suas atividades escolares, pois, como podemos notar através das entrevistas realizadas, as webtecnologias já são uma realidade em nosso cotidiano e vêm se tornando, a cada dia, mais acessível a todos.

b) Maneiras de utilização das webtecnologias na escola:

<p>ESCOLA A (particular)</p> <p>J.R. – “Geralmente pra fazer trabalhos de escola e pesquisa”.</p> <p>I.F. - “Pra fazer pesquisas escolares e trabalhos”.</p>
--

<p>ESCOLA B: (particular)</p> <p>C.R.B.N. – “Não utilizamos”.</p> <p>M.C.C.I.B. – “Não usamos”</p>
<p>ESCOLA C: (municipal)</p> <p>I.F.R. – “De vez em quando levam a gente no Laboratório de informática pra fazer pesquisa e trabalhos e às vezes o professor usa a Data-Show pra dar aula e também deixam a gente usar pra apresentar trabalho”.</p> <p>F.K.L.D.P. – “A gente usa com freqüência vamos a sala de vídeo pra ver filmes, vamos também pra sala de informática e os professores usam o Data-Show pra expor aula”.</p>
<p>ESCOLA D: (estadual)</p> <p>M.R.D.S. – “Pra fazer pesquisas, às vezes vamos no laboratório pra assistir filmes referentes a matéria, os professores também usam o Data-Show pra dar aula e gente também pode apresentar trabalhos com ele”.</p> <p>R.D.S. – “De varias maneiras, pra realizar pesquisas e trabalhos, pra apresentação e exposição de aula”.</p>
<p>ESCOLA E: (estadual)</p> <p>I.D.O.S. – “Em pesquisas de conteúdos, pra fazer trabalhos e na apresentação de trabalhos”.</p> <p>C. – “Pra fazer pesquisas e apresentação de trabalhos”.</p>

Já com relação ao modo de utilização das novas tecnologias nas escolas analisadas, pode-se perceber que essas são exploradas superficialmente, pois, na maioria dos casos, as webtecnologias são usadas apenas para a realização de trabalhos escolares de pesquisas na Web. Não que isso não seja um ponto positivo; no entanto, a Web 2.0 (ou Web interativa) pode oferecer muito mais em termos construção interativa do conhecimento e de facilitação da aprendizagem. Em outros casos, as tecnologias digitais não chegam nem mesmo a ser utilizadas, como acontece na escola B (particular).

Outro ponto interessante que se pode observar nessa categoria é o fato de que alguns dos entrevistados confundem o uso de equipamentos (como o *data-show* e os vídeos) com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); embora tais equipamentos também sejam necessários, não podem oferecer os mesmo recursos num ambiente de ensino aprendizagem que as TIC, que podem ser um importante instrumento de construção do saber dentro da escola.

c) Opinião dos alunos sobre o uso da TIC na escola:

<p>ESCOLA A (particular)</p> <p>J.R. – Eu acho legal porque a gente aprende as coisas de um jeito mais fácil e também mais interessante.</p> <p>I.F. – Eu acho que é uma maneira mais fácil e mais rápida de aprender.</p>
<p>ESCOLA B: (particular)</p> <p>C.R.B.N. – “Eu acho que se a gente usa-se o computador e a Internet seria excelente pra pesquisar e pra tirar duvidas”.</p> <p>M.C.C.I.B. – “Eu acho que poderia ser importante, poderia ajudar nos nossos estudos”.</p>
<p>ESCOLA C: (municipal)</p> <p>I.F.R. – “É bom porque os alunos ficam mais entendidos de como usar os computadores e a Internet, antes tinha alunos que não sabiam usar muito bem o computador e a Internet, mas agora com a ajuda dos instrutores fica mais fácil”.</p> <p>F.K.L.D.P. – “Pra mim acho muito bom, uso pra fazer pesquisas e pra digitar trabalhos, fica muito mais fácil”.</p>
<p>ESCOLA D: (estadual)</p> <p>M.R.D.S. – “Acho muito bom, uso pra fazer pesquisas e também pra digitar trabalhos, acho que fica muito mais fácil”.</p> <p>R.D.S. – “Muito bom, desde que não utilize apenas o computador, mas também o quadro e os livros porque se não eu acho que a aula fica muito solta às vezes”.</p>
<p>ESCOLA E: (estadual)</p> <p>I.D.O.S. – “É interessante porque é um auxilio no ensino e também é muito mais legal estudar assim”.</p> <p>C. – “Eu acho bom porque parece que as matérias ficam mais bem explicadas”.</p>

Como se pode ver nessa categoria, a opinião dos alunos da educação básica sobre o uso das novas tecnologias no ambiente escolar é bem positiva; apenas o aluno R.D.S. da escola D (estadual) faz uma restrição com relação ao uso das novas tecnologias quando ele diz: “Muito bom, desde que não utilize apenas o computador, mas também o quadro e os livros porque se não eu acho que a aula fica muito solta às vezes”.

Observando esse trecho da fala do entrevistado devemos lembrar que como nos fala Carla Viana Coscarelli (2005, p.27) “[...] usar a informática como recurso para auxiliar a

aprendizagem, não significa que os alunos vão ficar o tempo todo na tela do computador ou nos laboratórios de informática...”; assim, introduzir as novas tecnologias na escola não quer dizer que devemos fazer dela o único meio de buscar o saber, mas ela, sem dúvida, é um dos instrumentos mais eficazes para alcançar esse objetivo.

Com relação às demais respostas dos entrevistados, até os alunos da escola B (particular) que não utilizam as webtecnologias consideram o uso delas muito importante, especialmente por tornar a aula mais produtiva e menos maçante.

d) Uso das webtecnologias fora do ambiente escolar

<p><i>ESCOLA A (particular)</i></p> <p>J.R. – " Também uso pra fazer trabalhos, mas mais pra jogar".</p> <p>I.F. – “Pra fazer pesquisas de escola, pra jogar, pra entrar no MSN e no Orkut”.</p>
<p><i>ESCOLA B: (particular)</i></p> <p>C.R.B.N. –“ Uso pra pesquisar, pra jogar, pra entrar em sites de música e em sites de relacionamento”.</p> <p>M.C.C.I.B. – “Uso pra entrar em sites de patê-papo e sites de jogos”.</p>
<p><i>ESCOLA C: (municipal)</i></p> <p>I.F.R. –“ Pra fazer trabalhos e pra entrar em sites de relacionamento como o Orkut e o MSN”.</p> <p>F.K.L.D.P. – “Uso mais pra entrar em Orkut e MSN... Uso mais mesmo pra lazer”.</p>
<p><i>ESCOLA D: (estadual)</i></p> <p>M.R.D.S. – “Na maioria das vezes uso pro lazer, pra entrar em Orkut e MSN, só às vezes pra fazer trabalhos”.</p> <p>R.D.S. – “Já que eu não tenho computador em casa uso através do cursinho e na casa de amigas”.</p>
<p><i>ESCOLA E: (estadual)</i></p> <p>I.D.O.S. – “Pra lazer, pra entrar em sites como Orkut, MSN e também pra pesquisar”.</p> <p>C. – “Pra fazer trabalhos de escola, pra entra em Orkut e MSN e outros sites de entretenimento”.</p>

Nessa categoria, percebe-se que o uso das novas tecnologias fora das instituições de ensino é, em praticamente todos os casos, para o lazer, embora navegar pela “rede” possa ser sempre

uma forma de construir conhecimentos, pois, como nos diz Canclini (2007), a Internet contém uma “imensidão de informação”. Quanto à atividade favorita dos entrevistados quando navegam pela Internet é a de visitar *sites* de entretenimento e relacionamento.

e) Opinião dos alunos sobre o contínuo crescimento das novas tecnologias

ESCOLA A (particular)

J.R. – “Olha... Eu acho muito bom porque a nossa vida ficou muito mais fácil e interessante”.

I.F. – “Eu acho importante, porque com as tecnologias a gente sabe e aprende muito mais rápido”.

ESCOLA B: (particular)

C.R.B.N. – “Eu acho bom porque com a presença dessas tecnologias a nossa vida pode ficar muito mais fácil e divertida também”.

M.C.C.I.B. – “Na minha opinião acho que é importante e necessário porque o computador e a Internet tornam as coisas mais interessantes”.

ESCOLA C: (municipal)

I.F.R. – “Eu acho que é bom porque do jeito que as coisas vão daqui a algum tempo a nossa vida vai girar em torno dessas tecnologias”.

F.K.L.D.P. – “Acho muito bom, porque a gente tem acesso às coisas muito mais fácil e rápido, tudo que precisamos fazer vamos a Internet e ficamos sabendo”.

ESCOLA D: (estadual)

M.R.D.S. – “Acho muito bom, porque elas ajudam muito, é um jeito mais rápido de se saber das coisas, das informações”.

R.D.S. – “Acho muito bom porque o computador e a Internet podem oferecer muitas coisas boas e importantes pra nossa vidas, mas acho que o custo pra se ter um computador deveria ser mais baixo”.

ESCOLA E: (estadual)

I.D.O.S. – “Eu acho importante porque ajuda na comunicação entre as pessoas e também ajuda em todas as áreas de nossa vida”.

C. – “Eu acho legal porque depois dos computadores a vida ficou muito mais facilitada e interessante”.

Com relação a essa categoria, nota-se que os alunos entrevistados estão conscientes do crescente avanço tecnológico pelo qual o mundo vem passando e percebem que se adequar a esses avanços e modificações é necessário. Em todos os casos, os entrevistados reconheceram as potencialidades e as facilidades que as novas tecnologias podem nos trazer.

Considerações finais

Como vimos, atualmente as tecnologias digitais encontram-se espalhadas por todo globo, transformando-se num movimento que, a cada dia, evolui e se expande rapidamente, modificando todo o meio ao seu redor, processo esse ao qual temos que nos adaptar, caso contrário, seremos deixados para trás na atual sociedade da informação.

Sabe-se que é no ambiente escolar que a diferença entre os indivíduos incluídos e os excluídos digitalmente pode ser amenizada ou até mesmo anulada, caso as escolas saibam utilizar essas tecnologias a favor da educação. Neste trabalho, pudemos observar, especialmente na coleta de dados, que as escolas já estão mais engajadas em tornar as tecnologias digitais em novas aliadas no processo de ensino aprendizagem, através da capacitação de professores para que possam aproveitar todos os recursos que a STE oferece.

Também notamos que há uma percepção, por parte desses docentes, de que ensinar através das novas tecnologias é muitas vezes mais produtivo e interessante, da mesma forma que os alunos também estão conscientes da importância dessas webtecnologias e reagem positivamente com relação ao seu uso no ambiente escolar. Dessa forma, foram dados os primeiros passos para tornar as tecnologias digitais cada vez mais constantes em nosso cotidiano escolar.

Agradecimentos

À UEMS, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica e à minha Orientadora pelo auxílio, direcionamento e supervisão deste trabalho.

Referências

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. *In*: COSCARELLI, Carla Viana.; RIBEIRO, A.E. (orgs.) **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: CEALE: Autêntica, 2005, p 25 - 40.

CANCLINI, Nestor García. **Entrevista concedida à Educared argentina**. 2007. Disponível em:

http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=661> Acesso em 20 maio/2008.

RAMAL, Andréa Cecília. **O professor do próximo milênio**. Disponível em: http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0018.htm>. Acesso em: 05 maio/2008.

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003150.pdf>>. Acesso em 24 abr/2008.

LLERA, Jesús Beltran. **A sociedade em rede**. Disponível em: <http://www.educarede.org.br>>. Acesso em:04 dez/2007.

WIKIPEDIA. **História da Internet**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#Hist.C3.B3ria>>. Acesso em: 02 dez /2008.